CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS – DAM

APOSTILA CEIC

DOUTRINAÇÃO

 Volume II

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00929

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 165.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

ESCLARECIMENTO MEDIÚNICO E A MAGIA

Por mais de uma vez temos tido experiências com processos de magia, em trabalhos de esclarecimento mediúnico. Magos do passado, que continuando no Além seus estudos e práticas, comparecem, excepcionalmente, aos trabalhos de desobsessão nos quais se acham envolvidos, pois não gostam de descobrir-se. Entre eles encontramos até ex-sacerdotes católicos que, em tempos idos, praticaram a magia e, revertidos no mundo espiritual, retomaram suas experiências.

À visão espiritual de nossos médiuns apresentavam-se com as vestimentas e os símbolos de sua preferência, ou portando “objetos”, poções, signos, velas, substâncias e até acompanhados de acólitos para servi-los.

Um deles trouxe-nos – certamente para intimidar-nos – um pobre ser espiritual inteiramente dominado, reduzido a uma deplorável condição subumana de pavor e deformação perispiritual. Nosso médium viu-o atirar esse pobre espírito, de rastros, num circuito magnético infernal, do qual a infeliz vítima não podia livrar-se, por mais que se debatesse. Era um exemplo para nós, a fim de que deixássemos de interferir em sua atividade, disse ele.

Outro veio traçar signos e fazer invocações contra um de nós, especificamente. Tinha recebido uma solicitação, selada com sangue, num terreiro. Não podia deixar de atender ao “irmão de sangue”. Depois de seu ritual, cumprido à nossa vista, declarou que sua vítima “estava amarrada”, e partiu.

Mais tarde manifestou-se outro de sua equipe – ou seria ele mesmo? – com a proposta de “desfazer” o trabalho. E repetia, incessantemente:

- Quer que vire, eu viro... Quer que vire, eu viro...

Não; não queríamos que ele virasse, com o que ele ficou muito desapontado, pois obviamente teria sido muito mais fácil, para ele, alcançar seus objetivos ocultos e lamentáveis, se aquele a quem ele visava propusesse um “pacto”, que entregaria a ele sua vítima, de pés e mãos atados, pronta para o “serviço”. Vendo-se recusado, passou para outro médium, no mesmo grupo, e apresentou-se agora com ouro nome, embora reclamando que seu “cavalo” não prestava, porque não o obedecia. Tinha diante de si um prato de sangue, com o qual pretendia alcançar-nos.

De outra vez, um desses visitantes sinistros deixou sobre a mesa, segundo relato de um de nossos videntes, pequenas caveiras com as órbitas iluminadas por uma baça luz vermelha. Uma para cada um de nós.

Acontece, porém, que, empenhado em trabalhos redentores, o grupo dispõe de proteção e ajuda de companheiros redimidos, também antigos magos, profundos conhecedores desses trabalhos, sempre presentes para contraporem seus conhecimentos e recursos às desesperadas tentativas desses irmãos, agarrados ainda ao lado escuro da vida, tentando dominar pelo terror. Um desses companheiros infelizes confessou que via ao nosso lado quem, melhor do que ele, conhecia os segredos de sua arte e a neutralizava. Mais do que isso: por processos que não se revelaram aos nossos sentidos, o mago foi completamente desarmado em suas táticas, tão cuidadosamente planejadas. Nosso médium viu apenas que, em torno dele, colocaram sete lâmpadas, ou lanternas, de cores diferentes.

Um caso marcou época, pela sua extraordinária sofisticação. O mago era realmente profundo conhecedor de sua arte e engendrou um mecanismo magnético, através do qual mantinha, subjugadas aos seus propósitos, as mentes de quatro seres encarnados.

Em suma, a magia é mais comum do que desejaríamos admitir, e oferece riscos realmente sérios, contra os quais os grupos mediúnicos têm que estar muito bem preparados e assistidos. É claro que ela age apenas quando e onde encontra as necessárias brechas e o condicionamento da culpa, da falta, do erro, que nos sintoniza com o mal e nos expõe à aproximação dos implacáveis cobradores das trevas.

Os magos desencarnados são, as mais das vezes, inteligentes, experimentados e conhecedores profundos das mazelas e fraquezas humanas, pois vivem disso, nas suas práticas funestas. Não se detêm diante de nenhum escrúpulo, não temem represálias, são pouco acessíveis à doutrinação, ao apelo do amor e do perdão. Sabem, como todo Espírito envolvido nas sombras das suas paixões inferiores, que somente estarão protegidos da dor enquanto mantiverem em torno de si mesmos aquele clima de terror. Atacam para não serem atacados, oprimem para não serem oprimidos, espalham a dor para fugirem às suas próprias. Sabem muito bem que no dia em que “fraquejarem”, ou seja, aceitarem a realidade maior, que muito bem conhecem, chegará o duro momento da verdade e começará a longa escalada de volta. E quem desceu semeando sofrimentos, só pode contar com sofrimentos durante a subida. Não há outro caminho. Por isso são implacáveis e, por isso demoram-se no erro que, paradoxalmente, os compromete cada vez mais. Estão perfeitamente conscientes, no entanto, de que um dia – não importa quando – terão fatalmente que enfrentar a realidade de si mesmos, pois o mal não é eterno.

Enquanto isso, utilizam-se da vontade bem treinada, para movimentar, em seu proveito, as forças da Natureza.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00930

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 165.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

PROCESSO OBSESSIVO: MAGNETIZADORES E HIPNOTIZADORES

São amplamente utilizados, nos processos obsessivos, os métodos da hipnose e do magnetismo, que contam, no além, com profundos conhecedores e hábeis experimentadores dessas técnicas de indução, tanto entre os Espíritos esclarecidos e despertos para as verdades maiores, como aqueles que ainda se debatem nas sombras de suas paixões.

Lá, como entre os encarnados, os métodos são os mesmos. Para incumbências de importância secundária, basta uma indução superficial, mas para os procedimentos mais elaborados, os hipnotizadores do espaço utilizam-se de recursos extremamente sofisticados.

“... nos atos mais complexos do Espírito – ensina André Luz, em “Mecanismos da Mediunidade” –, para que haja sintonia nas ações que envolvam compromisso moral, é imprescindível que a onda do hipnotizador se case perfeitamente à onda do hipnotizado, **com plena identidade de tendências ou opiniões**, qual se estivessem **jungidos**, moralmente, um ao outro, **nos recessos da afinidade profunda**.

É claro, pois, que nisto, como em quase toda a problemática espiritual, vamos encontrar o mesmo dispositivo da sintonia vibratória. Os Espíritos superiores utilizam-se da hipnose para socorrer, para ajudar, para aliviar, para corrigir desvios. Os desajustados, para dominar e punir.

Em “Memória de um Suicida”, o autor espiritual oferece exemplos desses trabalhos redentores, em que espíritos, altamente credenciados, competentes e moralizados, movimentam, com enorme respeito e carinho, os arquivos da mente, por métodos hipnóticos e magnéticos (Memórias de um Suicida, psicografia de Yvonne A. Pereira, cap. 2, páginas 220 e seguintes, FEB).

O aparelhamento que vedes – explica um dos instrutores –, harmonizado em substâncias extraídas dos raios solares – cujo magnetismo exercerá a influência do imã –, é uma espécie de termômetro ou máquina fotográfica, com que costumamos medir, reproduzir e movimentar os pensamentos... as recordações, os atos passados que se imprimiram nos refolhos psíquicos da mente e que, **pela ação magnética**, ressurgem, como por encanto, dos escombros da memória profunda de nossos discípulos, para impressionarem a placa e se tornarem visíveis como a própria realidade que foi vivida!...

Mas, como todo recurso do conhecimento humano, este também é neutro, isto é, tanto pode ser usado para ajudar a levantar o ser que caiu, como para fazer cair aquele que está de pé.

(...) A sugestão é transmitida ao Espírito (...) e (...) há uma condição básica, que é a da **aceitação** pelo “sujet”. Para essa aceitação, que instaura o processo do domínio, é preciso que hipnotizador e hipnotizado estejam “jungidos moralmente um ao outro, nos recessos da afinidade profunda”, como diz André Luiz.

(...) Seja qual for, porém, o processo – e não podemos aqui fazer estudo mais profundo e extenso do fenômeno – os hipnotizadores e magnetizadores das trevas acabam por alcançar o domínio de suas vítimas depois de obterem a aceitação (...), mesmo que forçada. Para isso, manipulam com extrema habilidade os dispositivos da culpa e da cobrança, ou seja, a própria lei de causa e efeito. O Espírito culpado, convencido dessa culpabilidade, cede e entrega-se.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00931

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 170.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

GRUPO MEDIÚNICO: AÇÃO DOS HIPNOTIZADORES DO ALÉM

Com frequência, também, os hipnotizadores procuram atuar sobre os membros encarnados do grupo, lançando as bases de induções preliminares, a serem desenvolvidas depois, durante o desprendimento do sono, ou mesmo durante a vigília. Não é nada fácil lidar com esses terríveis manipuladores da mente humana. Nada os detém e, para eles, tudo é válido, desde que alcancem os resultados que desejam.

Às vezes, os companheiros que assistem o grupo, do lado da luz, interferem de maneira sutil, mas eficaz. Certa vez, um Espírito atormentado e, certamente, hábil magnetizador, pretendeu usar comigo a sua técnica. Pediu-me a mão. Coloquei-a na frente de seus olhos e lhe disse: - Pode pegar.

Ele hesitou um instante e depois agarrou-a fortemente, sem que eu apertasse a sua: mantinha minha mão estendida, com os dedos unidos. Algo então aconteceu de estranho e curioso. Através da minha mão, ele recebeu uma espécie de choque elétrico, evidentemente uma descarga magnética, que o atingiu na altura do plexo cardíaco. Talvez algo temeroso, pensou em retirar logo a sua mão e não ao conseguia! Embora ele é que segurasse a minha mão, e não eu a dele, e por mais esforço que fizesse, inclusive com a outra mão tentando desprender seus dedos, só a muito custo libertou-se do laço magnético. Isto o impressionou de tal forma que, da próxima vez que compareceu, começou a chamar-me, com ironia, por certo, mas evidentemente também com respeito, de “o homem da mão”.

Outro que tentava me dominar por meio de passes magnéticos, tinha atrás de si, segundo nos informou, depois da sessão, o próprio médium que o recebeu – um dos nossos queridos companheiros, profundo conhecedor do assunto, que neutralizava todo o seu trabalho junto a mim.

Certa ocasião, um irmão transviado, que estava sendo atendido, também se utilizava de processos de magnetismo e magia contra o grupo. Trouxera os seus instrumentos e as substâncias necessárias. A certa altura, percebeu a presença daqueles que nos defendiam, utilizando-se, para o bem, de técnica superior à dele. Como que pensando alto, ele nos dizia que sabia o que os nossos amigos estavam fazendo, mas nada podia contra eles.

Procedimentos magnéticos são também, usados par reduzir seres gravemente endividados a condições de extrema e aviltante deformação perispiritual, como casos de zoantropia, sobre os quais já falei neste livro. E é pela magnetização (passes) positiva que se torna possível restituir-lhes a condição normal.

- “Temos aqui – escreve André Luiz, em “Libertação” – a gênese dos fenômenos de licantropia, inextricáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembras-te de Nabucodonosor, o rei poderoso a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal, durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, **os elementos plásticos do perispírito**”.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00932

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 171.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

HÁ MULHERES OBSESSORAS NO MUNDO ESPIRITUAL?

O trabalho mediúnico oferece insuspeitadas condições de aprendizado. Cada sessão traz as suas surpresas; cada manifestação suas lições e ensinamentos. A contínua observação desse vaivém de companheiros desencarnados, o desfile trágico de problemas, angústias, dores e ódios, a força irresistível do amor, as maravilhas da prece, o poder do passe, constituem experiência inesquecível para aqueles que, ao longo dos anos, entregam-se a essas tarefas redentoras.

Uma pergunta poderá ser colocada agora. Que papel representam as mulheres, nesses dramas que se desenrolam entre os dois mundos? Há mulheres obsessoras? Há mulheres que se vingam, que perseguem que odeiam? Sim, mas em número bem mais reduzido que os homens.

(...) Poderemos responder que, infelizmente, Espíritos que passaram por experiências no sexo feminino também odeiam, perseguem, obsidiam. Alguns são mesmo particularmente agressivos, rancorosos e violentos. É que, levando para o Além as suas frustrações, seus desvios, suas ânsias, recaem, fatalmente, em faixas desarmonizadas, onde se consorciam com outros seres igualmente desarvorados, para darem prosseguimento ao exercício das paixões incontroladas. Nesse estado, continuam mulheres, sentindo e agindo como tais. Exercem seus poderes de sedução sobre outros seres, ganham “vestimentas”, “joias”, “sapatos” e “perfumes”, a troco de favores. Prestam serviços tenebrosos junto a companheiros encarnados, mancomunados aos seus comparsas das sombras, que lhes asseguram uma “boa vida” de prazeres e proteção contra a dor que as espera fatalmente, para o reencontro, um dia, lá na frente.

De outras vezes, são escravizadas, reduzidas à condição mais abjeta, e seviciadas, perambulando, dementadas, em andrajos imundos, por vales de sombras espessas, até que, desgastadas pelo sofrimento, tenham um impulso de arrependimento que lhes possibilite o socorro de que tanto necessitam.

Temos tido algumas experiências com espíritos femininos. (...) O caso da irmã que se empenhava em perturbar uma família, tentando destruir um lar, para o que contava com o apoio de um sacerdote desencarnado, que a incentivava, e a isentava de culpa, “absolvendo-a”, provavelmente no confessionário, da responsabilidade, sob a alegação de que, em encarnação anterior, ela também fora traída. (...) Uma jovem que se suicidara por uma paixão desvairada, (...) quando aquele a quem amava abandonou-a, grávida e na vergonha. Localizando-o como encarnado, perseguia-o, tentando – e conseguindo - induzi-lo a erros bastante sérios.

Outra – fora irmã de caridade – atormentava uma criatura encarnada, em cumprimento a “ordens superiores”.

Vimos, também, aquela pobre companheira, teleguiada por hábeis indutores, que transviava um homem encarnado e era recompensada com festas, vestidos bonitos e prazeres (...).

São essas algumas experiências com Espíritos ditos femininos.

Às vezes, elas são obsessoras implacáveis, tão violentas e agressivas como os homens, irracionais quanto eles, nas suas paixões e no desejo insaciável de vingança; mas são estatisticamente em número reduzido, em relação aos Espíritos masculinos e, decididamente, mais abertas ao entendimento e predispostas ao despertamento, porque mais sensíveis ao apelo da ternura, da emoção, do respeito à sua condição feminina, ainda que estejam transitoriamente numa posição de aviltamento, ou, talvez, por isso mesmo. Ao sentirem que são tratadas como seres humanos, reagem como seres humanos, respondendo, mais cedo ou mais tarde, às vibrações da nossa afeição.

O mais comum, porém, em trabalhos mediúnicos, é encontrar mulheres que vêm recolher nos seus braços amorosos os companheiros recém-despertos. São velhos e seculares amores: mães, esposas filhas, irmãs, que guardaram ternuras profundas, alimentadas em esperanças que nunca se apagaram, nem mesmo esmoreceram. Comparecem, às vezes, ainda enoveladas, elas próprias, em resgates dolorosos, mas quase sempre já mais avançadas no caminho da pacificação. Algumas encontram-se de há muito revestidas de luz e harmonia. Um destes casos, intensamente dramático, está relatado por André Luiz, em “Libertação”. Matilde desce aos subterrâneos da dor, para resgatar o seu amado Gregório, que se transviara lamentavelmente, e é com o seu amor apenas – e é tudo! - que enfrenta a sua cólera, numa cena inesquecível.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00933

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 181.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

A DESOBSESSÃO EM RELAÇÃO AO ÓDIO

O ser humano, encarnado ou desencarnado, vive no clima da emoção, pressionando ou sustentado por ela, levado por ela às furnas mais profundas da dor e da revolta, ou alçado aos píncaros da felicidade e da paz. Ela nos afeta, mesmo quando, ocasionalmente, parece não existir em nós. É oportuno lembrar que emoção, etimologicamente, quer dizer **ato de deslocar**, ou seja, **mover**. Arrastado pela emoção, o Espírito se desloca, num sentido ou noutro, caminhando para as trevas de sofrimentos inenarráveis ou subindo para os planos superiores da realização pessoal, segundo ele se deixe dominar pelo ódio ou se entregue ao amor. Esse deslocamento o conduz a extremos de paixão, que o esmaga, ou a culminâncias de devotamento, que o santifica, e, muitas vezes, em estágios ainda inferiores da evolução, confunde-se em nós a realidade ódio/amor, e nos confundimos nela e com ela, porque é comum tocarem-se os extremos.

Ao trabalho de desobsessão não deve ignorar essa realidade. Frequentemente, o processo da desobsessão se desencadeia, de maneira paradoxal, por amor, e é lembrando esse aspecto que conseguimos, às vezes, ajudar os irmãos, que se atormentam mutuamente, a colocarem um ponto final nas suas angústias. O que acontece é que temos em nós todos o instinto egoísta – e quase todos os instintos são egoístas – de conservar a posse total do objeto de nossa preferência ou afeição: a esposa, ao esposo, o filho, o dinheiro, a posição social, o poder. Suponhamos que a esposa nos traia, que o filho nos rejeite, que o dinheiro ou o poder nos sejam arrebatados. Passamos imediatamente a odiar os que nos privaram da posse daquilo que amamos ou valorizamos. Com isto, percebemos que amor e ódio são duas faces de uma só realidade, luz e sombra, que em determinado ponto absorveram-se uma na outra, criando uma opressiva atmosfera de penumbra, na qual perdemos a visão dos caminhos e o senso de direção. Para desfazer esse clima de crepúsculo, que agoniza e desorienta o Espírito, é preciso ajudá-lo a identificar bem seus sentimentos, a fim de separá-los. Estejamos certos, para isso, de uma realidade indisputável, ainda que pouco percebida: o amor, como dizia Paulo aos Coríntios, não acaba nunca. Mesmo envolvido, soterrado no rancor e na vingança, ele subsiste, sobrevive, renasce, está ali. O ódio não o exclui; ao contrário, fixa-o ainda mais, porque em termos de relacionamento homem/mulher, o ódio é muitas vezes, o amor frustrado. Odiamos aquela criatura exatamente porque parece que ele não quer o nosso amor, porque nos recusa, nos traiu, nos desprezou, porque a amamos...

No momento em que conseguimos convencer o companheiro desencarnado, em crise, que ele odeia por ainda amar, ele começa a recuperar-se, compreendendo que essa é uma verdade com a qual ele ainda não havia atinado. Por mais estranho que pareça, o rancor contra a amada, ou o amado, que traiu ou abandonou, é que mantém acesa a chamazinha da esperança. Aquele que deixou de amar é porque não amou bastante e, com menor dificuldade, desliga-se do objeto de sua dor. Cedo compreende que não vale a pena perder seu tempo, e angustiar-se no doloroso processo de vingar-se, dado que – e isto também pode parecer contraditório – não podemos ignorar o fato de que a vingança impõe, também ao vingador, penosas vibrações de sofrimento.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00934

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 184.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

NA DESOBSESSÃO: ORAR PELOS QUE NOS PERSEGUEM

A coisa não é tão fácil quando o Espírito desajustado persegue aquele que o fez perder a posição, o poder, o dinheiro ou o amor. Quase sempre se esquece o vingador de que ele próprio desencadeou o mecanismo do resgate quando, em passado esquecido, mas indelével, cometeu faltas idênticas contra o próximo. Na confusão em que se envolve, o culpado de sua queda, de suas frustrações, não são os seus próprios enganos, é aquele que ali está, encarnado ou desencarnado. Sua revolta e sua angústia como que se personalizam, objetivam-se, e é mais fácil lutarmos e tentarmos destruir uma pessoa, que identificamos como causadora de nossa derrota, do que enfrentarmos a dura realidade de que a causa está em nós mesmos e que o ser a quem perseguimos foi apenas o infeliz instrumento da lei. Nossos erros são cometidos contra a lei divina; é preciso deixar a ela o trabalho de reajuste. Aquele que assume a posição de tomar a justiça divina em suas mãos, está reabrindo o ciclo da dor, em vez de fechá-lo com o perdão. Mais uma vez é preciso lembrar aqui a técnica desobsessiva que o Cristo nos ensinou: “ouvistes dizer: ... amai os vossos inimigos e rogai pelos que vos perseguem, para que sejais filhos de vosso Pai celestial, que faz brilhar o seu sol sobre os maus e sobre os bons e chover sobre os justos e os injustos” (Mateus, 5:43-45).

Orar por aqueles que nos perseguem não apenas um preceito evangélico teórico – e já seria muito, por certo – é um ensinamento do mais elevado valor prático, ante os companheiros com os quais nos desentendemos no passado. O rancor que sentem por nós sobrexiste, ou se dilui, segundo nossas próprias reações, sempre observadas atentamente pelos nossos cobradores. Se os odiamos também, o ódio que nos votam sustenta-se, fica estimulado, persiste, atravessa os séculos e os milênios. Isto é uma realidade terrível, que multidões de sofredores ignoram, lamentavelmente. Se deixamos de odiar e passamos a orar por aquele que nos atormenta, libertamos pelo menos dois seres: a nós e a ele, além de outros que possam estar comprometidos no processo.

Nunca será suficientemente enfatizada a importância deste conceito, em trabalhos de desobsessão. Isto é válido também – e como! - para a maneira pela qual recebemos nossos irmãos em desajuste e com eles dialogamos. Deixaremos para debater esse aspecto mais adiante (...). Convém, no entanto, insistir e repetir: os Espíritos em estado de perturbação avaliam as nossas emoções e não as nossas palavras. Estão, no fundo, ansiosos de que os convençamos de seu erro, porém jamais reconheceriam isso. Se ao debate opusermos nossa irritação à deles, nada conseguiremos senão confirmá-los nos erros em que se enquistaram através do tempo, repetindo enganos e desenganos.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00935

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 186.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO O ARREPENDIMENTO E O REMORSO DEVEM SER CONSTRUTIVOS

Tentemos explicar este delicadíssimo mecanismo.

 Imaginemos um Espírito desencarnado, envolvido num tenebroso processo de obsessão. Ele persegue e vinga-se de alguém implacavelmente, século após século, num ódio que parece não ter fim e que nunca chega à saciedade, pois é da natureza do ódio jamais satisfazer-se em si mesmo. É certo que ele ignora, consciente ou não, a causa anterior que determinou o efeito da sua dor. Digamos que ele tenha sido assassinado, por alguém, enquanto exercia elevada posição de mando, como um rei, por exemplo, ou déspota medieval. Toda a sua cólera, no mundo das trevas, se concentra naquele que provocou a sua desencarnação. Ele não quer saber que anteriormente, naquela vida ou em outra, remota ou não, ele mesmo praticou falta semelhante e agora recebe a visita inevitável da lei. Ele só sabe que aquele miserável o matou e, portanto, merece todos os castigos e punições. Além do mais, ele sabe também que, ao errarmos, expomo-nos, a nosso turno, à cobrança, o que, na sua maneira de pensar, dá-lhe o “direito” de punir e de vingar-se.

Suponhamos, ainda, que ao cabo de uma feliz doutrinação, aquele severo perseguidor resolva, afinal, encerrar o processo da vingança. Está cansado, chegou à conclusão de que não vale a pena continuar, porque um dos grandes infelizes é ele próprio; ou, mais grave ainda, descobriu que, no passado, ele próprio cometeu faltas muito mais terríveis do que aquela que pretendeu cobrar, em nome de um Deus em que ele mesmo não acreditava. Pode ele, em tais circunstâncias, descer a abismos de autocomiseração e dor. Temos tido oportunidade de presenciar arrependimentos dramáticos, desesperados.

É o momento de ajuda-lo a construir algo com os salvados de sua tragédia, mostrando-lhe que o remorso deve ser construtivo, senão ele, que estava parado na estrada da evolução, vai continuar paralisado pelo remorso.

De outro lado, vejamos o perseguido, ou obsidiado. Nem sempre ele sabe por que sofre os rigores da vingança. O erro vem de muito longe, e deve ser muito grave, para que ele sofra daquela maneira, mas ele desconhece as causas da sua dor e nem sequer tem oportunidade de enfrentar, num diálogo, o seu obsessor. Como Espírito, ele não o ignora; apenas o véu do esquecimento o protege, como a todos nós, de lembranças extremamente dolorosas, que não temos condição de suportar com a nossa consciência de vigília. Se ele tem oportunidade, porém de conhecer a razão de sua obsessão, e entrega-se ao remorso desenfreado, dificulta a libertação de seu próprio Espírito e do seu verdugo. Por outro lado, ele não pode ignorar o arrependimento, pois é exatamente este sentimento que dá os primeiros recursos para livrar-se da dor. Sem arrependimento, colocamo-nos em posições nas quais não podemos sequer ser ajudados. A situação é, pois, muito complexa e delicada, porque o mesmo sentimento de remorso que o levou a merecer ajuda, pode retê-lo à mercê do seu perseguidor, se não for canalizado para fins construtivos. O remorso é, pois, uma flor belíssima, de muitos e pontiagudos espinhos. É preciso estuda-lo, trata-lo com serenidade, equilíbrio e humildade. Sim, estamos arrependidos do erro cometido contra o irmão; mas não podemos permitir que o nosso arrependimento alimente indefinidamente o seu rancor. É nisso, aliás, que ele se esforça: manter a sua vítima sempre lembrada do erro, porque o arrependimento serve duplamente, tanto para fazê-la sofrer, como para estimular a cobrança que se eterniza.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00936

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 188.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO: COMO TRATAR A TERRÍVEL PAIXÃO PELO PODER?

Muitos dramas, cujos vagalhões vêm rebentar em nossas mesas de trabalho mediúnico, têm o seu núcleo principal na terrível paixão pelo poder. Um Espírito disse-me certa vez em que dialogávamos: - Sempre fui grande!

Em termos humanos, sim, fora grande, desde remotíssimos tempos, desde o antigo Egito até à Europa moderna. Mas, o que é realmente a grandeza?

“O maior dentre vós seja vosso servidor” – disse o Cristo, segundo Mateus, 23:11, “pois o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado”.

Em Lucas (12:24-27) o texto é ainda mais explícito:

“Entre eles, houve também uma discussão sobre quem parecia ser o maior. Ele lhes disse: Os reis das nações governam como senhores absolutos e os que exercem autoridade sobre elas se fazem chamar benfeitores; mas não assim, entre vós, senão que o maior entre vós seja como menor, e o que manda, igual ao que serve. Porque quem é o maior, o que está à mesa ou o que serve? Não é o que está à mesa? Pois eu estou entre vós como aquele que serve!”.

Portanto, o conceito de grandeza formulado pelo Cristo não foi o de servir às nossas paixões, mas o de servir ao semelhante. Ele mesmo, cuja verdadeira grandeza era impossível de ser ocultada, confirmava-se como simples servidor.

Em outra oportunidade, utilizando-se de sua impecável didática, Jesus confirmou e ampliou o seu pensamento, como a que nos demonstrar, sutilmente, que não tínhamos noção real do conceito de grandeza:

“Em verdade vos digo que não há, entre os nascidos de mulher, maior do que João Batista; contudo, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”.

Vemos, assim, que os parâmetros humanos de aferição de grandeza são inaceitáveis em termos espirituais. Entre nós, que tudo avaliamos segundo a insignificância de nossas medidas, tudo o que sobreleva à mediocridade dos nossos horizontes torna-se grande, mesmo que do lado negativo da ética. É um grande criminoso aquele que mata com requintes de crueldade uma pessoa ou duas, mas é um grande guerreiro aquele que mata milhares. É grande o que disputou e conquistou a sangue e fogo posições de mando e governou multidões com pulso de ferro. São grandes os “príncipes” da Igreja, que ampliaram os poderes materiais da organização. É grande o escritor que obteve muito sucesso literário, quer sua obra seja construtiva ou desagregadora.

Nessa invertida escala de valores, a criatura evangelizada, serena, amorosa, que leva uma existência a serviço do próximo, em renúncias ocultas e no silêncio do anonimato, passa despercebida, ignorada e até desprezada.

Isto nos induz a colocar sob suspeita nossos critérios usuais de avaliação da grandeza, pois eles nos têm levado, ao longo do tempo, a cometer tremendos enganos. Confundimos, frequentemente, o exercício do poder com a grandeza. Os sinais exteriores do poder nada dizem sobre o gabarito moral do Espírito que os detém. E muitos de nós, no passado e no presente, temos nos deixado levar pela perigosa ilusão de que somos grandes, somente porque dispomos de autoridade incontestada; mas, quantas vezes como simples anões espirituais, não temos subido as escadarias do poder? O pior, no entanto, é que o vírus do poder nos contamina, e a infecção instala-se em nós, por séculos e séculos. Espíritos atingidos por esse deslumbramento lamentável arrastam consigo, para o mundo espiritual, a paixão invencível do mando, e lá se juntam às organizações trevosas, que se utilizam deles para oprimir e espalhar a desarmonia por toda parte. Eles se prestam a isso, contanto que lhes sejam conferidos os sinais externos do poder, as insígnias, os séquitos, os tronos, bem como o comando de vastas organizações opressoras, pois não aprenderam, ainda, a viver fora desse clima.

(...) Enquanto estiverem ligados àquelas tenebrosas estruturas, estão adiando o momento do encontro consigo mesmos, com suas mazelas, suas consciências, seus remorsos. Enquanto estão ali, permanecem ao abrigo dos olhares amargurados de antigos amores, que o tempo não apagou. Por que trocar a glória, que chega às fronteiras da “divinização”, pelo sofrimento anônimo, pela reencarnação de resgate?

O único jeito, a única saída possível, está em agarrarem-se tenazmente ao poder, que exercem com a sensibilidade anestesiada. É por isso, também, que se recusam terminantemente a um diálogo que possa arrastá-los para a faixa da emoção, da brandura, da compaixão, da sentimentalidade. Enquanto estiverem no exercício do poder estarão ao abrigo da dor maior, de enfrentarem a si mesmos. É mais fácil enfrentar a dor dos outros.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00937

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 191.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO: COMO TRATAR A VAIDADE?

(...) A vaidade se apresenta sob muitos aspectos e é claro que nem sempre está associada ao exercício do poder. Às vezes limita-se aos cuidados com a aparência “física”, as vestimentas, ou à inteligência.

Muitos são os que nos visitam, nas sessões mediúnicas, em estado de exaltação vaidosa. Há os que se julgam muito belos (ou belas), os que ostentam condecorações, joias, mantos, séquitos de servidores e acólitos, bem como os que alardeiam conhecimentos intelectuais estupendos. Um desses foi enfático. Dirigia uma organização que mantinha Espíritos aprisionados sob as mais abjetas condições do submundo das dores. Ao apresentar-se, falou imediatamente sobre si mesmo: era belo, poderoso, “divino”.

- Você me vê? – pergunta-me.

Sempre fora importante. É o senhor daquela região (o médium havia sido levado, por desprendimento). Tem ali muitos prisioneiros, guardados por um velho que, em tempos passados, fora seu escravo, e que chicoteou, em nossa presença. Quanto a mim, devo-lhe algo muito sério, pois lhe arrebatei alguém que estava destinado a ficar também, como prisioneiro, em seus tenebrosos domínios.

Quando comparece da segunda vez, faz uma cena, fingindo ser um pobre enforcado, necessitado de socorro urgente e de passes restauradores. Ao perceber que não conseguiu iludir-nos, ri, desapontado, dizendo que estamos ficando muito sabidos e perigosos. Retoma o diálogo irônico, envolvente, inteligente. Revela-se um dos magistrados do Espaço. Cabe-lhe fazer com que a lei seja cumprida. Não é ele quem retém seus prisioneiros; são seus próprios crimes, e eles querem ficar lá, numa autopunição inevitável. Volta a dizer que é belo, brilhante e poderoso. Sente-se nele a evidente satisfação consigo mesmo, com aquilo que faz, a alegria quase infantil com que contempla a si mesmo, e a à sua obra sinistra.

Fez com alguns companheiros encarnados um pacto. Poder versus poder. Ele os ajuda a conquistarem uma fatia de domínio, no lado de cá da vida, e eles lhe dão, por sua vez, a parte que lhe toca. A essa altura, propõe, também a mim, uma barganha: libertará aqueles em quem estou interessado, em troca de uma condição: devo “depor as minhas armas”. E, muito vivo e inteligente antecipa minha resposta:

- “Sei que você vai dizer que o amor não é uma arma...”

Não só isso, respondo-lhe, mas, também não tenho autoridade para fazer acordos. Fale com meus superiores, lá mesmo, no mundo espiritual. Tudo ele tenta, inclusive o meu envolvimento, com elogios e lisonja. Depois, perde a paciência, indignado. Não está acostumado a resistências assim, irracionais e tolas, ele que é um “deus”.

Coitado! Como é difícil cair do pedestal... mas vai aos poucos cedendo, e enquanto entra em crise, o pior lhe acontece, pois vê sua beleza física desmoronar-se lentamente, enquanto um súbito e estranho processo de envelhecimento destrói-lhe as belas feições. Ouve choro de crianças (te-las-ia sacrificado?) e, por fim, confessa que seu ódio “perdeu a força”.

É uma afirmativa desesperada, arrancada do fundo de si mesmo, e não deve ter sido fácil para ele reconhece-lo; a crise começou a precipitar-se nele, a partir do momento em que deixou de se belo. Demonstrada, a ele próprio, a insuficiência da vaidade física, as demais vaidades também entraram em colapso.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00938

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 193.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO: COMO TRATAR O ORGULHO?

Quanto ao orgulho, visita-nos com igual frequência, e vem sempre associado à vaidade ou ao poder, ou a ambos. Alguns nos invocam a velha fórmula:

- Você sabe com quem está falando?

Comandam vastas instituições do terror. Apresentam-se aparentemente tranquilos e seguros, ou assaz rancorosos e agressivos. Às vezes são, de fato, muito brilhantes e cultos, artificiosos no raciocínio envolvente, na formulação de perguntas embaraçosas, hábeis manipuladores do método socrático, com o objetivo de obter a condenação do doutrinador, através de suas próprias palavras. Que prazer sentem em oprimir e dominar! Que orgulho pelas posições que ocupam, conquistadas com dores e sofrimentos infligidos ao semelhante! Vivem, literalmente, em pedestais, dos quais nem pensam em descer, porque, se o fizerem, encontrarão seus próprios fantasmas, suas culpas, suas angústias pessoais. Alguns creem-se realmente divinizados e onipotentes. Um deles me disse que acreditava em Deus:

- O fato de eu existir – afirmou –, prova que alguém me criou.

Mas, quanto ao Cristo, fora um fraco. Nada tinha contra Ele, contanto que Ele não interferisse com seus planos, que eram grandiosos.

Outro companheiro, chocado com o tratamento que havíamos dispensado ao seu “chefe”, através de outro médium, manifestou-se irritado, até mesmo algo assustado, dizendo-nos que nem fazíamos ideia de quem era ele, pois, do contrário, não o teríamos tratado daquela forma. Ele era muito importante mesmo:

- Ah! Se você soubesse quem é ele...

E os antigos “Príncipes” da Igreja, que comparecem tremendamente enfatuados, condescendendo em conversar conosco, trânsfugas miseráveis, traidores vis, envolvidos com uma doutrina maléfica, demoníaca, como Espiritismo? Que pompa, coitados! Que olímpica indignação!

Um destes me conheceu em antiga encarnação, durante a Reforma Protestante, onde fôramos adversários, no campo teológico. Num “flash” de inspiração, pois estou familiarizado com as minúcias da história da Reforma, identifiquei-o pelo nome. Era ele mesmo. Acabamos, ambos, descobrindo as fontes ocultas de seu fanatismo religioso: em tempos idos, ele fora um daqueles que apedrejaram Estêvão...

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00939

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 194.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO: COMO IDENTIFICAR OS PROCESSOS DE FUGA

A contínua observação desses métodos, ao longo dos anos, vai desenhando para nós um perfil mais nítido dos segredos e mistérios do transviamento moral. As atitudes agrupam-se e, em cada uma delas, repetem-se os gestos, as palavras, os impulsos, as motivações. No entanto, guardam todas, e cada uma delas, a sua individualidade e as suas surpresas. Não sei como explicar esse jogo, entre o inédito e o esperado. Parece que as posições são basicamente as mesmas, mas, dentro delas, cada um toma o caminho que lhe impõem os seus fantasmas interiores. Em suma: há certas constantes que se repetem, que se cristalizam, que constituem modelos, padrões, ou o que seja, dentro dos quais a individualidade de cada um se preserva, mantendo certa autonomia. É como se, num conceito amplo de determinismo difuso, eles agissem dentro de um amplo raio de livre escolha.

Vamos a alguns exemplos:

Uma das constantes, identificadas nesses Espíritos que persegue, que dominam, que espalham a dor, é a fuga. Fogem de si mesmos, das suas próprias dores, das suas angústias e frustrações. Sejam quais forem as justificativas que invoquem para as suas atitudes – quando as apresentam – o mecanismo é sempre o mesmo: procuram esquecer seus próprios crimes e aflições, adiar o encontro com a verdade, anestesiar-se na insensibilidade, pelo cruel e desumano processo de acostumar-se à fria contemplação da dor alheia. É preciso entendê0los bem. Não são monstros irrecuperáveis, que merecem o santo horror e a condenação eterna. Não são seres desprezíveis, que tenhamos de abandonar à sua própria sorte, para sempre. Temos que nos aproximar deles com sentimentos de amor fraterno e de compreensão, não com nojo, como se fôssemos os redimidos, e eles os réprobos perdidos em seus crimes. Temos de entender que estão em fuga. A couraça de que se revestem é mais frágil do que parece, e não é impenetrável aos fluidos sutis do amor. Defendem-se da dor, atacando, agredindo, maltratando. Tentam cicatrizar suas próprias feridas abrindo ferimentos em outros corações. No fundo, sabem que podem somente adiar o reencontro com as suas realidades interiores, mas não ignorá-las para sempre. Quantos deles nos têm dito que sabem muito bem disso, mas que saberão “ser homens”, quando chegar, para eles também, a cobrança! Enquanto não chega prosseguem suas tarefas abomináveis. Sabem de suas responsabilidades, e imaginam, com bastante precisão, o que os espera um dia, quando “caírem”. Por isso mesmo é que resistem, enquanto podem, buscando apoio nas organizações a que pertencem, pois essa é a lei a que se apegam: a lei da solidariedade incondicional, que os protege mutuamente do dia do despertamento.

Essa é a doutrina da fuga.

Por outro lado, quem foge precisa de esconderijos para ocultar-se de si mesmos. São muitos, esses refúgios. O principal deles talvez seja o esquecimento do passado. Este recurso é básico, essencial mesmo, para aquele que precisa, perante sua própria consciência, justificar, por exemplo, uma vingança impiedosa, que se prolonga ao tempo e vara séculos ou milênios. Enquanto o perseguidor estiver “esquecido” das origens de sua verdadeira dor, ele sente forças, em si mesmo, para perseguir aquele que o feriu. Se ele voltar sobre seus passos, ao seu pretérito, irá descobrir que sofreu aquele ferimento exatamente porque, antes, causou dor semelhante a alguém, faltando, assim, à lei universal da fraternidade. O esquecimento o ajuda a manter acesa a chama rubra do ódio e, portanto, a da vingança. É vítima “inocente” de um crime inominável. Aquele miserável roubou-lhe a mulher, espezinhou a sua honra, levou-o ao crime, ao suicídio, à miséria, a ele, que sempre foi bom e correto, que nenhum mal fez a ninguém...

Se um dia ele descobre, por exemplo, que há séculos vêm os dois disputando, à ponta de punhal, aquela mesma mulher, através de várias encarnações infelizes, sua perplexidade é enorme, e, muitas vezes, o impacto dessa lembrança é suficiente para sacudi-lo fora de seu esconderijo psicológico e recoloca-lo na trilha evolutiva da recuperação interior.

De outras vezes, nem isso basta, pois são muitos os que, através de uma longa e tenebrosa experiência espiritual, quase sempre no lado errado da vida, conhecem bem o passado e, mesmo assim, prosseguem na fria execução de seus planos medonhos. Estes também estão em fuga, mas não buscam esconderijos habituais, e sim o atordoamento da ação. Enquanto estão atordoados, organizando planos tenebrosos e os levando a efeito, vivem a salvo das suas próprias dores. A desesperada atividade mantém-nos, de certa forma, alheios aos seus dramas e desesperos.

(...) A imaginação de cada um cria seu próprio mecanismo de fuga. Há os que se prendem aos conceitos teológicos, depois de desfigura-los e corrompe-los, para servirem aos seus propósitos. Isto é particularmente válido para os antigos sacerdotes, que se apoiam em fantásticas teologias, e em textos escolhidos com extremo cuidado, no próprio Evangelho do Cristo.

(...) Por mais defendidos que se julguem encontrar esses companheiros desarvorados, em suas furnas escuras, não são invulneráveis à misericórdia divina. Se o fossem, não teriam jamais a oportunidade de se libertarem de sua condição tão dolorosa. Ao passo que eles não têm condições de peso específico para subir às regiões da luz a fim de promover distúrbios e “conquistas”, o que seria inadmissível, os Espíritos iluminados podem descer, sacrificialmente, aos antros da angústia, e o fazem com frequência, a fim de tentar o resgate de companheiros que já ofereçam um mínimo de condições para ser ajudados.

Às vezes o esconderijo é a cultua intelectual. Constroem seus próprios sistemas, inventam brilhantes sofismas e adestram-se em uma dialética deformada, mas, nem por isso, frágil e desarticulada; ao contrário, bastante inteligente, pois, sendo eles inteligentes, precisam de um inteligente mecanismo de fuga.

(...) Enfim, cada um constrói o seu esconderijo, inventa suas defesas, segundo suas inclinações, recursos e intensões. A finalidade, porém, é uma só: esconder-se das próprias angústias. Quando descobrimos suas motivações, estamos a caminho de poder ajuda-los a libertar-se da dor. Os indícios preciso eles mesmos no-los fornecem. É preciso estarmos atentos, vigilantes, pacientes e prontos a servi-los naquilo que lhes convém aos Espíritos atormentados, e não naquilo que possa estimular-lhes as paixões abrasadoras.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00940

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 199.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 245 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 283 a 284).

 NA DESOBSESSÃO: COMO IDENTIFICAR OS MÉTODOS DAS ORGANIZAÇÕES TREVOSAS

Muito temos falado, aqui, sobre as organizações do submundo da dor e do desespero. Tentemos estuda-las mais de perto.

É claro que jamais nos trouxeram, nossos irmãos desencarnados, os esquemas e organogramas de suas instituições, mas, de tanto ouvi-los falar delas, creio possível montar, com as inúmeras peças do gigantesco “puzzle”, um quadro inteligível desse tenebroso painel de desespero e aflição.

Em primeiro lugar, é preciso não cometer o trágico engano de subestimá-las. Elas são realmente temíveis. Foram concebidas e são operadas por inteligências privilegiadas, Espíritos longamente experimentados no mal, no exercício do poder, nos meandros do sofisma. Isto não significa que, no desempenho de tarefas redentoras do bem, nos deixemos dominar pelo pavor, no trato com seus representantes, pois é exatamente isso que desejam e a que se acostumaram. Dominam pelo terror que inspiram em toda parte, e, se cairmos nessa faixa, estaremos correndo riscos imprevisíveis. O problema de lidar com elas é, pois, extremamente complexo. E nunca é demais repetir: não o faça quem não esteja suficientemente apoiado por Espíritos esclarecidos, devotados ao bem e experimentados nesses trabalhos. Se o grupo conta com a colaboração de companheiros experientes, eles saberão dosar o trabalho, segundo seus próprios recursos e possibilidades, e as tarefas de maior responsabilidade vão sendo trazidas, à medida que conseguimos passar pelas preliminares, de menor envergadura. As equipes orientadas por esses dedicados trabalhadores anônimos do mundo superior manter-se-ão equilibradas, sempre que se portarem com prudência e sabedoria. Como esses abnegados companheiros não impõem condições, mas limitam-se a nos aconselhar e esclarecer, é preciso estarmos atentos às suas sugestões e observações, para interpretá-las corretamente e pô-las em prática, com segurança.

Se nos sairmos bem das tarefas iniciais e passarmos nos testes a que somos submetidos, em benefício de nós mesmos, não podemos esquecer-nos de que precisamos manter nossa própria organização disciplinada, atenta, flexível, ajustada, porque a “do outro lado” é tão boa ou melhor do que a nossa, em termos de estrutura e disciplina, ainda que não o seja em objetivos e métodos.

As instituições das trevas são estruturadas numa rígida concentração do poder, nas mãos de alguns líderes, escolhidos por um processo impiedoso de seleção natural. Sua liderança revelou-se na ação, em postos subalternos, ou confirmou-se através de séculos e séculos, em que se revezam encarnados e desencarnados. Muitos deles, como signatários de pactos de vida e morte, sustentam-se aqui e lá, onde estiverem, sejam quais forem as condições, num princípio que tem muito mais de autodefesa do que de fidelidade. São fiéis uns aos outros, não porque se estimem, mas porque precisam uns dos outros, para manter-se no poder. Quando se reencarnam, trazem programas muito bem elaborados, e o compromisso de apoio e solidariedade irrestritos, da parte dos que ficam no mundo espiritual. Assim se explicam os êxitos, em termos humanos, que obtêm, enquanto por aqui se encontram, e a provisória, mas segura impunidade em que continuam a viver, quando retornam aos seus domínios, após a desencarnação, por maiores que sejam as atrocidades que cometem, como homens.

Ao que tudo indica, até mesmo enquanto na carne, mantêm-se em contato íntimo e permanente com seus comparsas do Além, e continuam a exercer a parcela de autoridade de que dispõem entre eles, realizando contatos, durante os desprendimentos parciais, provocados pelo sono.

(...) Não é sempre que esses líderes, mesmo convertidos, podem voltar sobre seus passos e tentar convencer seus antigos comparsas. Uma vez convencidos a mudar de rumo, caem em desgraça ante seus companheiros. O primeiro impulso destes é resgatá-los, especialmente quando são figuras importantes, na máquina do poder. Verificada, pelos seus ex-amigos, a impossibilidade de “salvá-los”, abandonam-nos à sua própria sorte, quando não procuram voltar contra eles todo o poderio da própria instituição que antes eles comandavam.

São muitos os dramas e as manobras dessa hora decisiva.

Quando conseguimos colher, em nosso afeto, um desses poderosos companheiros extraviados, há uma verdadeira celeuma na retaguarda. Podemos contar, logo, com manifestações de indignação e agressivos assessores seus, que o desejam de volta e ameaçam arrebata-lo a qualquer preço, ou que o arrasam, com a sua decepcionada hostilidade.

(...) Há, pois, aqueles que, uma vez convertidos, têm condições de tentar ajudar os que ficaram, e há aqueles que não podem sequer pensar nisso, porque não lhes seria permitido pela própria estrutura e pelos métodos da organização a que pertenceram por longo tempo. No primeiro caso, é possível admitir que a instituição se desfaça, desarticule-se, quando se trata de organização de menor porte, porque as mais vastas, empregando milhares de servidores, endurecidos na prática do mal, sobrevivem a essas crises, ainda que seus líderes as abandonem, pois as estruturas resistem. Estão preparadas para isso, e dispõem de planos alternativos, para emergências. Em casos excepcionais, os benfeitores espirituais valem-se do momento de crise, ainda que ocasional e temporário, para um trabalho de saneamento, que pode abalar seriamente as instituições e até mesmo neutralizá-las.

Muitas vezes, porém, organizações menores filiam-se às maiores, e têm delas supervisão e proteção, porque os objetivos, quase sempre, são os mesmos, ou muito se assemelham os métodos de ação. E quando os grupos de socorro espiritual começam a interferir em seus trabalhos, elas se aconchegam umas às outras e desenvolvem planos combinados de ataque, que podem causar consideráveis transtornos.

Sejam, porém, grandes ou pequenas, seus organogramas são tão bem planejados e implementados como os de uma empresa. Só que, em vez de visarem a atividades industriais ou comerciais, com o fim de produzirem lucro, como as sociedades anônimas da Terra, produzem o terror e a opressão, e lutam pelo poder e por aquilo que entendem como glória pessoal.

Têm seus chefes, seus planejadores, seus executores, operários, guardas. Conservam registros meticulosos, movimentam documentação, utilizam-se de aparelhos, dispõem de tropas de choque, “armadas” e bem adestradas. Promovem reuniões, concílios, debates, exposições, conferências, sermões, ritos. Promulgam leis, punem os indisciplinados, condecoram e distribuem prêmios aos que se destacam por trabalhos de especial relevância.

Seus métodos são os do terror pela violência, sua incontestável hierarquia apóia-se num regime disciplinar implacável, rígido, inflexível. Não se tolera a falta, o deslize, a revolta, a desobediência.

Sua ética é governada pela total ausência de escrúpulo. Nada os detém, tudo é permitido, desde que os fins a que visam sejam alcançados. Aqueles, pois, que resolvem organizar um grupo mediúnico de desobsessão, devem estar bem preparados para enfrenta-los.

É preciso enfrenta-los com paciente firmeza e confiança nos poderes que nos sustentam. Nada de ilusões, porém. Não podemos abrir brechas em nossa vigilância, porque penetrarão, sem nenhuma cerimônia, pelas portas das nossas fraquezas, se assim o permitirmos, de vez que nada lhes é sagrado, e tudo se lhes permite.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00942

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 205.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

 TÉCNICAS E RECURSOS DO DOUTRINADOR

Dissemos alhures, neste livro, que cada manifestação é diferente. Nunca sabemos, ao certo, as intenções do Espírito que se aproxima, que problemas nos traz, quais são suas características, qual a razão de sua presença entre nós. Além do mais, a própria mediunidade não é um instrumento de precisão, como um microscópio ou um relógio, que funcione, repetidamente, de maneira previsível e controlável. O médium é um ser humano ultra-sensível, de psicologia complexa, incumbido de transmitir o pensamento de um desencarnado, mas está muito longe de ser mero aparelho mecânico de comunicação, como um telefone ou um rádio, muito embora se fale em sintonia e em vibrações, quando a ele nos referimos. Suas faculdades sofrem influências várias, do ambiente, do seu estado de saúde, da sua problemática íntima, da sua fé ou ausência dela, do seu interesse no trabalho, que pode flutuar, da sua capacidade de concentração, da sua confiança nos companheiros que o cercam e, especialmente, no dirigente do grupo e, obviamente, dos Espíritos manifestantes. E mesmo estes, que são também seres humanos – não nos esqueçamos disto – variam suas apresentações, de uma para outra manifestação, segundo suas próprias disposições.

Por outro lado, é preciso considerar, também, que há diferentes formas de mediunidade: de incorporação, ou psicofônica, de vidência, clariaudiência, psicografia, assim como há médiuns que conservam sua consciência durante a manifestação, e médiuns que, passam ao que se convencionou chamar de estado “inconsciente”.

(...) O grupo deve estar, assim, perfeitamente preparado para inúmeras formas de manifestação. Elas são imprevisíveis e inesperadas. O doutrinador experiente saberá identificar prontamente os primeiros sinais da incorporação, quando o Espírito começa a acomodar-se à organização mediúnica. É preciso, aqui, lembrar que, frequentemente, o Espírito manifestante é parcialmente ligado ao médium, horas, e até dias inteiros, antes da sessão. Nestes casos, quando se trata de um Espírito desarmonizado, embora a manifestação não se torne ostensiva, porque isto implicaria admitir mediunidade totalmente descontrolada, o médium sofre inevitável mal-estar físico, dor de cabeça, pressão sobre a nuca, sobre os plexos, sensação de angústia indefinível e, até mesmo, estado febril, prostração, irritabilidade, agressividade e vários outros sintomas de desarmonização psicossomática. O médium experimentado e responsável deve estar preparado para isso. Não se assuste, não se apavore, não tema e, sobretudo, **não deixe de comparecer ao trabalho**, por causa dessas dissonâncias psicofísicas, pois é isso mesmo que desejam os companheiros desequilibrados, ou seja, afastá-lo do trabalho.

Esse envolvimento pode dar-se também com os demais participantes do grupo que embora não dotados de mediunidade ostensiva, sofrem também terríveis pressões dos irmãos perturbados. Um dos alvos prediletos dessas penosas aproximações é o doutrinador, tenha ou não mediunidade ostensiva. O cerco em torno dele é permanente, tenaz, implacável, impiedoso, porque acham, os companheiros desencarnados doentes, que o neutralizando, acabam com o grupo, o que, muitas vezes, infelizmente, é verdadeiro.

Esteja ou não esteja o Espírito ligado ao médium antes da sessão, é certo que o planejamento espiritual já tem as tarefas da noite distribuídas por antecipação, e na sequência que julgar mais conveniente ao bom andamento dos trabalhos. Geralmente, cada médium tem seu próprio “estilo”, para indicar o início da comunicação: colocar as mãos sobre a mesa, respirar com maior profundidade, duas ou três vezes, agitar ligeiramente a cabeça ou o corpo, gemer, levantar os braços, numa **sematologia** que o doutrinador, habituado a trabalhar com ele, saberá identificar, a fim de iniciar o tratamento do irmão que se apresenta.

**Às vezes, o Espírito começa logo a falar, ou a esbravejar, mas, usualmente, ele precisa de alguns segundos para apossar-se dos controles psíquicos do médium, e não consegue falar senão depois de se ter acomodado bem à organização do seu instrumento**. O doutrinador deve aproveitar esses momentos para uma palavra de boas-vindas, saudando-o com atenção, carinho e respeito. Em alguns casos o Espírito somente consegue expressar-se a muito custo, em virtude de seu estado de perturbação, de indignação, ou por estar com deformações perispirituais que o inibem. De outras vezes, usando de ardis, ou preparando ciladas, mantêm-se em silêncio, para que o doutrinador se esgote, na tentativa de descobrir suas motivações, a fim de tentar ajuda-lo, com o que ele se diverte bastante.

Em certas ocasiões, vem ele revestido de um tanto de mansidão e tranquila segurança. Diz palavras doces, assegura-nos suas boas intenções, dá-nos conselhos. Um deles, certa vez, começou serenamente, com um apelo “aos bem formados”, numa linguagem de pacificação e entendimento. Digo-lhe que estamos dispostos à pacificação e ao entendimento, desde que ele venha em nome de Deus; mas, por mais que se esforce – coisa estranha! – não consegue pronunciar o nome de Deus, como eu lhe pedira. Por fim, explode em irritação e “abre o jogo”, gritando que acabou a farsa. E derrama um arsenal de ameaças e intimidações.

Há os que fingem dores que não sentem, ou mutilações que não possuem, como cegueira ou falta da língua. Visam, com esses artifícios, a distrair nossa atenção do ponto focal de sua problemática, ou simplesmente entregam-se ao prazer irresponsável de enganar, mistificar, defraudar, ou então, como alguns me dizem, às vezes, de esgotar o médium incumbido de dar-lhes passes. Riem-se muito dos nossos enganos. Houve um que começou fingindo uma terrível dor de cabeça. Propus-me a ajuda-lo, o que fiz com um passe, e ele começou a rir, divertindo-se com a minha falta de inspiração; mas, por estranho que pareça, começou realmente a sentir uma dor real, o que o deixou bastante impressionado.

Qualquer que seja a abertura da comunicação, o doutrinador deve esperar, com paciência, depois de receber o companheiro com uma saudação sinceramente cortês e respeitosa. Seja quem for que compareça diante de nós, é um Espírito desajustado, que precisa de socorro. Alguns bem mais desarmonizados do que outros, mas todos necessitados – e desejosos – de uma palavra de compreensão e carinho, por mais que reajam à nossa aproximação. Os primeiros momentos de um contato mediúnico são muito críticos. Ainda não sabemos a que vem o Espírito, que angústias traz no coração, que intenções, que esperanças e recursos, que possibilidades e conhecimentos. Estará ligado a alguém que estamos tentando ajudar? Tem problemas pessoais com algum membro do grupo? Luta por uma causa? Ignora seu estado, ou tem consciência do que se passa com ele? É culto, inteligente, ou se apresenta ainda inexperiente e incapaz de um diálogo mais sofisticado?

Uma coisa é certa: não devemos subestimá-lo. Pode, de início, revelar clamorosa ignorância, e entrar, depois, na posse de todo o acervo cultural de que dispõe. Dificilmente o Espírito é bastante primário para ser classificado, sumariamente, como ignorante. Nossa experiência acumulada é muito mais ampla do que suspeitamos.

(...) Às vezes, também, embora o grupo não realize nenhum trabalho de Umbanda, surgem Espíritos acostumados a essas práticas. Suas primeiras manifestações seguem, quase sempre, a técnica a que estão acostumados. Aguardemos pacientemente, para saber o que desejam. Nada de expulsá-los sumariamente. Se os companheiros do mundo espiritual permitiram sua manifestação, num grupo estritamente espírita, orientado pelos ensinamentos de Allan Kardec, haverá alguma razão para isso.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00943

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 212.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

 NA DOUTRINAÇÃO A PRIMEIRA REGRA DO DIÁLOGO É PACIÊNCIA E TOLERÂNCA

Toda conversa, com eles, é um permanente exercício dessas duas virtudes. As primeiras palavras são de importância vital; são, às vezes, decisivas, e podem constituir a diferença entre uma oportunidade de pacificação ou a alienação do companheiro por mais um tempo, indeterminado, em que ele continuará a buscar alhures o que não encontrou em nós: compreensão para os seus problemas e suas angústias. Muita coisa vai depender, no desenrolar do trabalho, da maneira pela qual recebemos os nossos irmãos em crise. Nunca é demais lembrar e insistir: eles precisam de nós, justamente porque não conseguem sair sozinhos das suas dificuldades, das suas perplexidades, dos seus sofismas, da sua auto-hipnose. Mas nós, por igual, precisamos deles, porque nos trazem lições, porque nos ajudam na prática da lei suprema da solidariedade que, a seu turno, nos libertará também. E quantas vezes não são eles aqueles mesmos que causam desequilíbrios em nós próprios, ou obsessões naqueles que nos cercam: parentes, amigos, colegas de serviço, companheiros de jornada, enfim?

Além disso, não podemos despachá-los, mal enunciaram as primeiras palavras, quando nem sequer sabemos ainda de suas motivações e de suas dores. Não esperemos, jamais, uma expressão inicial sensata e equilibrada, amorosa e tranquila, da parte daqueles que se acham desarmonizados. Se assim fosse, não precisariam de nós: já teriam encontrado seus próprios caminhos. Esperemos, isto sim, uma eloquente manifestação de revolta, rancor, desespero, aflição, desencanto, ou perplexidade, segundo à natureza dos problemas que o abrasam. Contemos com mistificações e ardis, com falsidades e subterfúgios, com ódio e agressividade, com ignorância e má-fé; em suma, com a dor do Espírito aturdido pelo impasse que criou dentro de si mesmo. É claro que o primeiro impulso de hostilidade, de um Espírito assim, tem de ser contra nós, que o fustigamos, tentando obriga-lo a mover-se. Ele está parado no tempo e no espaço, preso à sua problemática, empenhado numa tarefa que julga do maior relevo e importância; e aparece um grupo, como o nosso, para tentar arrancá-lo daquilo que constitui o seu mundo, a sua razão de ser. Não é ele quem nos incomoda e fustiga; somos nós que o agravamos, com a inadmissível tentativa de fazê-lo desistir dos seus propósitos. Como? Então não vemos que ele não faz mais do que cobrar uma dívida, ou trabalhar pelo restabelecimento da Igreja do Cristo, ou funcionar como juiz, num processo legitimamente constituído, em que a culpa é tão clara? Que petulância! Que impertinência!

É preciso deixá-los falar, pois, do contrário, não poderemos ajuda-los. É necessário conhecer a sua história, suas motivações e suas razões. E ainda que relutem, demorem e usem de mil e um artifícios, eles acabam revelando a razão de sua presença no grupo. O longo trato com eles nos ensina que têm um hábito peculiar de “pensar alto”. Isto se deve a um mecanismo psicológico irresistível, do qual muitas vezes eles nem tomam conhecimento, e no qual, mesmo os mais hábeis e ardilosos deixam-se envolver. É que o médium lhes capta o pensamento, e não a palavra falada. Se o médium se limitasse a transmitir-lhes a palavra, mesmo assim, eles acabariam por revelar as suas verdadeiras posições, embora pudessem sonegar a verdade por maior espaço de tempo; mas é do próprio disposto mediúnico converter, em palavras e gestos, aquilo que o Espírito elabora na sua mente. Eles não conseguirão, por muito tempo, ocultar as verdadeiras causas da sua dor e a razão da sua presença, pois é isso, precisamente, que os traz a nós. Essas causas estão de tal forma gravadas nos seus espíritos, que constituem o centro, o núcleo, em torno do qual gira toda a personalidade e agrupam-se os problemas mais críticos e mais urgentes. Se conseguirmos desfazer aquele núcleo, que funciona como verdadeiro centro de aglutinação, a personalidade reagrupa-se em novos equilíbrios redentores. Insistimos, pois, em afirmar que o médium traduz em palavras o que ele sente no Espírito manifestante: suas emoções, seu temperamento, seus problemas, suas desarmonias, ao mesmo tempo em que lhe reproduz os gestos, e a voz alteia-se ou sussurra, reflete ódio ou desprezo, ironia ou amargor, perplexidade ou aflição. Se assim não fosse, teríamos que falar com cada Espírito na sua própria língua, ou seja, na língua que ele falou por último, na sua mais recente encarnação, e todo médium precisaria ser xenoglóssico.

É certo, pois, que acabarão por revelar a razão de sua presença entre nós, e depois, o núcleo de suas dificuldades maiores, muito embora seja isto o que mais parecem temer.

Num caso desses, o Espírito fez um longo circunlóquio filosófico-teológico. Era excelente argumentador e dialético de muitos recursos. Fugia a qualquer referência pessoal, a qualquer palavra que pudesse levar-nos a descobrir suas motivações. Ao cabo do diálogo, que se estendeu por mais de uma sessão, ele não se conteve mais: seu ódio era contra mim. Seguia meus passos desde que “tua maldita mãe te colocou no mundo”, e a dúvida que havia entre nós reportava-se ao tempo da Segunda Cruzada. Pretendia transformar o meu lar num hospício, disse ele, pois eu cometi contra ele um crime do qual jamais me perdoaria. Se pudesse, me destruiria...

Em suma, deixa cair os véus com os quais tentou, de início, cobrir as razões de sua presença entre nós. Veio para isso mesmo, mas relutou o quanto lhe foi possível, pois sabia muito bem que, chegado ao cerne do problema, estaríamos em melhor posição para o ajudar a resolvê-lo. No fundo, ele estava mesmo era cansado de sofrer porque a vingança e a perseguição tanto sacrificam o perseguido, quanto o perseguidor.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00944

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 212.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

 NA DESOBSESSÃO DEVE-SE RESSALTAR O ARREPENDIMENTO POSITIVO E O NEGATIVO

(...) Lembrar que há dois tipos de arrependimento: o positivo e o negativo. O primeiro, ajuda-nos a reconstruir logo o que destruímos, a refazer o que não podemos desfazer; o segundo, mantém-nos paralisados à beira do caminho, enquanto nossos companheiros e nossos amores seguem à frente. Estacionamos precisamente porque nos falta coragem para enfrentar o olhar severo da própria consciência. É verdade, estamos envergonhados, temerosos e angustiados, mas por que demorar-nos no arrependimento, cruzarmos os braços e esconder-nos, como um caramujo, dentro da carapaça das ilusões? O arrependimento, somente se dissolve no trabalho construtivo. Incontáveis multidões, no entanto, tentam fugir de si mesmas, ignorando seus próprios fantasmas interiores. A culpa existe em nós; impossível negá-lo, pois o erro já está cometido mesmo. O que temos de fazer, agora, não é fingir que ela não existe, porque é justamente esse fingimento, essa fuga, nos mantém presos, detidos, marcando passo, vendo a multidão passar por nós, em busca da paz.

Esse mecanismo tem que ser bem compreendido por aquele que se propõe ajudar Espíritos endividados. É claro que também somos endividados, talvez tanto quanto eles, ou até mais. Precisamos, no entanto, mostrar-lhes que estamos fazendo alguma coisa, lutando, enfrentando os nossos aspectos interiores, as censuras da consciência, as cutiladas do remorso, conscientes de que o nosso erro está presente em nós, e não podemos voltar sobre nossos passos, para desfazê-lo. Podemos, no entanto, e devemos, e temos que reconhecer, a força da sua presença em nós. Sem essa abertura corajosa, não dá sequer para começar. E, como diz o provérbio chinês: a caminhada de 100 quilômetros começa com o primeiro passo.

O doutrinador precisa estar muito atento a esses sinais reveladores. Tentar identifica-los é sua tarefa, mas que o faço com muito tato, paciência e compreensão. Ninguém gosta de revelar suas fraquezas, seus erros, seus crimes, suas mazelas e imperfeições. Nada de coações, de pressões, de imposições. Espere com paciência, busque com tranquila perseverança, que a verdade virá. Lembre-se de que ela se encontra ali mesmo, na memória daquele irmão que sofre. Ele a dirá, se é que chegou a sua hora de mudar de rumo. Basta um pouco de ajuda, habilidade, tato e paciência. É preciso, também, que tenhamos a faculdade da empatia, ou seja, apreciação emocional dos sentimentos alheios. Veja bem: apreciação emocional. É necessário que as nossas emoções estejam envolvidas. Se apenas assistimos às agonias de um Espírito que se debate nas suas angústias, não temos empatia; somos meros espectadores. É preciso aprender a vibrar com ele, sofrer com ele, compreender sua relutância em abrir-se, aceitar seu temor em descobrir suas feridas, mas, a despeito de tudo isso, ajuda-lo a descobri-las...

Estejamos certos, porém, de que a resistência será grande, a luta interior que presenciaremos será dolorosa, difícil, e muitas vezes o Espírito recuará novamente, temeroso, acovardado, sentindo-se ainda despreparado.

Neste caso, ouvimos sempre uma destas frases:

Ainda não estou preparado... Espere um pouco mais... De outra vez... Deixe-me. Dê-me mais tempo. Preciso pensar...

Junto de um companheiro particularmente agoniado, presenciamos a dura batalha entre os lampejos da esperança de paz e os apelos de seu insaciado desejo de vingança: iria, agora, abandonar tudo aquilo, que era a motivação de sua vida, e o tinha sido por séculos e séculos? Entregar-se à dor? Abandonar a sua vítima? E a sua vingança? E, no entanto, ninguém melhor do que ele sentia a inadiável necessidade de uma atitude de renúncia, embora sabendo que apenas trocava uma dor por outra.

O doutrinador não o forçou. Limitou-se a dizer, com o coração aberto à compreensão e ao afeto:

- A decisão é sua. Claro que você pode continuar a fazer isso. Deus, que amparou aquele a quem você persegue por tanto tempo, há de continuar amparando-o. Mas, e você? É isto que lhe convém? É isto mesmo que você quer?

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00997

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 276.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

 DOUTRINAÇÃO: A PRECE NOS INTERVALOS ENTRE UMA SESSÃO E OUTRA

 (...) Outro aspecto importante, que precisa ser abordado, no aproveitamento desses intervalos entre uma sessão e outra, é o da prece. Como as sessões se realizam, usualmente, uma vez por semana, durante os dias em que aguardamos as próximas manifestações, precisamos ter a atenção voltada para os companheiros que se acham em tratamento no grupo, não apenas aqueles que ainda não foram “convertidos”, mas, também, aqueles que já se acham recolhidos, para tratamento, nas instituições especializadas do Além. Eles precisam de nossas preces e do nosso pensamento construtivo e amoroso, tanto quanto necessitamos do apoio dos nossos benfeitores. A prece é o fio que realiza esse milagre. Não podemos esquecer-nos de que os companheiros desarvorados, que receberam o primeiro impacto de uma incorporação e doutrinação, ficam com os ânimos ainda mais acirrados contra nós. Durante a semana toda haveremos de sentir-lhes a presença ou as “mensagens” vibratórias de seus pensamentos hostis. Lembremo-nos de que não o fazem por maldade intrínseca e irredutível e, sim, por desconhecimento e defesa. Estão convencidos da legitimidade de seus propósitos e da nossa posição de intrusos, que nada têm a ver com os seus problemas pessoais e os seus planos. Sem dúvida alguma tentarão criar-nos dificuldades, quando nada com as vibrações negativas de seu pensamento. É claro que provocarão, em nós, sensações de angústia indefinível, mal-estar, depressão e desânimo. Só a aprece pode socorrer-nos, em tais situações. Oremos por eles, mas com fervor, com amor. É hora de pôr em prática, com toda a convicção, o preceito evangélico que nos recomenda amar os nossos inimigos. Embora não os consideremos como tais, eles assim se consideram. Envolvamo-los numa atmosfera de amor e compreensão, de tolerância e paciência, e procuremos devolver as suas agressões mentais com o nosso pensamento de afeição e carinho, implorando a Deus que os ajude, que lhes mostre a verdade, que lhes ilumine os corações, onde também existe amor, em potencial, pronto a emergir, novamente, das cinzas de muitos sonhos e das sombras de muitas angústias.

A qualquer momento que pudermos recolher-nos para a prece, especialmente nas horas e locais em que costumamos meditar, oremos por eles, com muito amor mesmo. Não é difícil. Imaginemo-los como companheiros muito queridos, filhos, parceiros de antigas lutas e até credores nossos, a quem muito devemos. Com frequência impressionante o são mesmo, além de irmãos, que serão sempre, invariavelmente. A doutrinação é um ato de amor. Aquele que não souber amar sem reservas, ou que somente puder amar aqueles que o amam, não está preparado para essa tarefa.

É extraordinário o poder da prece. Diria, mesmo, miraculoso, não fosse tão abusada a palavra extraordinária. Inúmeras e repetidas vezes temos presenciado o seu poder invencível.

Às vezes, o irmão atormentado, ao manifestar-se pela segunda ou terceira vez, mostra-se extremamente “perturbado” pelas nossas preces. Um deles disse-me, irritado:

- Você vive rezando...

Outros se confessam paralisados, em pensamento e ação. Não conseguem mais raciocinar com clareza e levar avante os projetos em que estavam empenhados: perseguições, obsessões, desmandos de toda sorte. Um deles me disse, certa vez, que havia interceptado meus “telefonemas”. A “telefonista” recebera-os em seu lugar, mas sua referência provava que ele tomara conhecimento da minha atividade mental e emocional durante a semana, pelo menos naquilo que fora deliberadamente dirigido para ele.

Para resumir e insistir num ponto, já mencionado, alhures, neste livro: o trabalho de doutrinação não se resume às poucas horas em que conversamos diretamente com os Espíritos incorporados aos nossos médiuns; ele se projeta ao longo dos dias e segue nas realizações da noite, quando, em desdobramento, acompanhamos nossos mentores nos contatos e nas tarefas que se desenrolam no mundo do Espírito

Mantenhamos uma atitude vigilante, construtiva, atenta a pequenos detalhes, que poderiam passar despercebidos mas que se revelam subitamente de enorme importância na decifração do enigma que esses amados companheiros trazem em si e que não podem resolver sozinhos.

Muita gente ainda não descobriu que a essência dos “milagres” evangélicos é o amor. Quando o Cristo disse que um dia poderíamos fazê-los também, não estava apenas acenando com uma visão quimérica, para que fôssemos bonzinhos – Ele nada disse que não se conformasse com as suas íntimas convicções, antevisões e experiências.

O amor é realmente milagroso, e a prece, o instrumento daqueles que querem realiza-lo. A tarefa dos seres encarnados, num grupo mediúnico de desobsessão, é pouco mais que isso: assistirem à constante realização do milagre sempre renovado do amor.

 CENTRO ESPÍRITA IRMÃOS DO CAMINHO – CEIC

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM

PESQUISA CEIC – PC-00998

* Bibliografia: Livro Diálogo com as Sombras, Hermínio Correa Miranda, página 279.

REFERÊNCIA:

1. 2ª Parte - Capítulo XXIII – Item 249 – Da Obsessão - Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Causas da Obsessão – Meios de Combatê-la (Livro dos Médiuns, página 286 a 287).

 COMPONENTES DO GRUPO DE DESOBSESSÃO: SONHOS E DESDOBRAMENTOS

 Páginas atrás, ficou documentada uma referência sumária à atividade desenvolvida pelos componentes do grupo mediúnico, durante as horas de repouso, através de sonhos e desdobramentos. Creio que é oportuno desenvolver um pouco mais o conhecimento desse aspecto, que contém importantes conotações, que não devem ser ignoradas, não apenas em termos gerais de Doutrina, como em sua aplicação prática aos trabalhos de desobsessão.

Essa importância ressalta do próprio tratamento que Kardec e seus instrutores deram ao assunto, em “O Livro dos Espíritos”. Enquanto a questão do sexo dos Espíritos, por exemplo, ocupa cerca de meia página (perguntas 200 a 202), os problemas relacionados com a atividade do Espírito encarnado, quando o corpo encontra-se em repouso, ocupam 23 páginas, no capítulo VIII, sob o título “Da Emancipação da Alma”.

O mesmo interesse encontramos nas obras mediúnicas em geral, mas, de maneira muito especial, no opulento acervo de informações que nos transmitiram André Luiz, Emmanuel, Bezerra de Menezes, Manoel Philomeno de Miranda e outros, através de médiuns de absoluta confiança e respeito.

Por esses ensinamentos, concluímos ser muito intensa a atividade do espírito parcialmente liberto pelo sono natural ou provocado. Na verdade, ficou bem claro, em Kardec, que o espírito encarnado aproveita-se, com satisfação, da oportunidade de escapar da prisão corporal, sempre que pode, e que a atividade desenvolvida, nesses estados de libertação parcial, reflete-se nos sonhos. É nesse estado que ele consegue entrar na posse de algumas das suas faculdades superiores, pelo acesso aos arquivos da sua memória integral. Daí lembrar-se de encarnações passadas e até mesmo, em situações especiais, afastar a densa cortina que encobre o futuro.

 Nesse estado de liberdade parcial, o encarnado cultiva intenso intercâmbio com encarnados e desencarnados, segundo seus interesses e afinidades.

 Resumindo, com palavras suas, os ensinamentos recebidos, Kardec escreveu isto:

“Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter. A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem as frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam”.

 Ao cuidar, mais adiante (questão 425), do sonambulismo, os instrutores conceituam-no como “estado de independência do Espírito, **mais completo do que no sonho**, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. **A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito”.**

 “No sonambulismo – prosseguem -, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões **exteriores**. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria”.

 Acrescentam, ainda, para não deixar dúvidas, que não existe diferença entre o sonambulismo provocado e o natural.

 Isto significa, portanto, para efeitos práticos, que os companheiros desencarnados que orientam os trabalhos dos grupos mediúnicos dispõem de amplas possibilidades de colaboração da parte dos componentes encarnados, enquanto estes repousam. Na verdade, a experiência indica-nos claramente que a atividade em desdobramento, durante as horas do sono, é mais intensa e extensa do quer o curto período de uma hora ou duas horas, em que se desenvolve a tarefa mediúnica propriamente dita. O planejamento e o preparo das sessões é todo feito no mundo espiritual, sob a direção de competentes e dedicados servidores do Cristo. Em diferentes oportunidades, nossos mentores têm-se referido às reuniões de que participamos, às incursões no submundo do desespero, de onde resgatamos seres alucinados de dor e desorientação, e até mesmo a sessões mediúnicas, com incorporação e doutrinação, tal como aqui, entre os encarnados.

Lembranças residuais dessa atividade permanecem em nossa memória de vigília, ao despertarmos, e é de utilidade ao trabalho mediúnico observá-las com atenção e interesse, como, também, procurar predispor-se positivamente às tarefas noturnas, enquanto o espírito se acha desdobrado pelo sono. Para isto, recomenda-se que, na prece que precede o sono, coloquemo-nos à disposição dos nossos amigos espirituais para as humildes tarefas que estiverem ao nosso alcance realizar junto deles, e peçamos a proteção divina para toda atividade a desenrolar-se além das fronteiras da matéria bruta. Essa atividade é realizada por equipes bem adestradas e precisamos estar afinados com seus componentes, para que, em lugar de colaborar, não resulte nossa canhestra interferência em agravação de suas dificuldades. Bem sabemos, hoje, pelos informes da Doutrina Espírita, dos riscos que corre o Espírito desatento e desprevenido, em tais desdobramentos.

 Os autores espirituais de “O Livro dos Espíritos” foram inequívocos nesse, como em todos os outros pontos de seus ensinamentos. Aqueles que se sintonizarem com as faixas inferiores... “vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui se deleitam”. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós”.

Muitos ignoram como isso é autêntico, duma trágica e dolorosa autenticidade. Companheiros encarnados, até mesmo declaradamente espíritas, comparecem a esses núcleos de alucinação dos sentidos, ou aos centros de irradiação de doutrinas nefastas que tentam, aqui, entre nós, implantar, como “reformulações”, “modernizações” e “atualizações” da Doutrina Espírita, ou fundam movimentos paralelos, tão logo lhes seja possível apossarem-se de organizações terrenas que lhes forneçam a base de que necessitam para os seus propósitos. É lá, nessas regiões tenebrosas, que se praticam as mais lamentáveis formas de lavagem cerebral e hipnose; é lá que são programados, com extremo cuidado e competência, os pobres instrumentos humanos que regressam ao nosso meio para espalhar a discórdia, o desentendimento, a dissensão, tudo muito sutil, a princípio, quase imperceptivelmente. É lá que se forjam pactos sinistros de apoio mútuo, em que se envolvem tantos companheiros promissores.

No que diz respeito ao trabalho específico da desobsessão, portanto, todo cuidado é pouco com a atividade em desdobramento, a fim de que não ponhamos a perder, nas horas em que repousa o nosso corpo físico, as modestas conquistas que porventura tenhamos conseguido realizar na vigília.

É preciso, porém, evitar a conclusão apressada de que todo sonho tenha algo a ver com o trabalho mediúnico que estejamos realizando ou que qualquer lembrança de atividade em desdobramento é aproveitável.

 – “**Na maioria das vezes** – esclarece Emmanuel, em “O Consolador”, questão 49 –, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia, quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável. Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, **ou nos de sonambulismo**, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação **inter-vivos**, e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível”.

Atenção, pois, com o material onírico, que precisa ser examinado, selecionado, criticado e aproveitado com prudência, porque qualquer empolgamento já é suspeito. Os companheiros espirituais mais responsáveis não agem à base de inconsequências e entusiasmos injustificados. Mesmo nos momentos de maior alegria, pela solução de um caso particularmente difícil e delicado, eles se apresentam emocionados, por certo, mas sóbrios, serenos, gratos, equilibrados. Cuidado, pois, com “revelações” sensacionais, com “missões” importantes, com elogios descabidos, com encontros com Espíritos que se apresentam sob identidades pomposas.

 André Luiz adverte-nos, em “Evolução em Dois Mundos”, dos riscos que o Espírito encarnado corre durante o desprendimento do sono, quando...

“... recolhe (...) os resultados de seus próprios excessos, padecendo a inquietação das vísceras ou dos nervos injuriados pela sua rendição à licenciosidade, quando não seja o asfixiante pesar do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos absorvem do arquivo em que se lhe amontoam as próprias lembranças”.

E mais:

“Numa e noutra condição, todavia, é a mente suscetível à influenciação dos desencarnados que, **evoluídos ou não**, lhe vistam o ser, atraídos pelos quadros que se lhe filtram da aura, ofertando-lhe auxílio eficiente quando se mostre inclinada à ascensão de ordem moral, ou sugando-lhe as energias e **assoprando-lhe sugestões infelizes**, quando, pela própria ociosidade ou intenção maligna, **adere ao consórcio psíquico** de espécie aviltante, que lhe favorece a estagnação na preguiça ou a envolve nas obsessões viciosas pelas quais se entrega a temíveis **contratos** com as forças sombrias”.

 Mas, não é só isso:

- Quando encarnados, na Crosta – observa Sertório em Missionários da Luz” -, não temos bastante consciência dos serviços realizados durante o sono físico, contudo, esses trabalhos são inexprimíveis e imensos. Se todos os homens **prezassem seriamente o valor da preparação espiritual,** diante de semelhante gênero de tarefa, certo efetuariam as conquistas mais brilhantes, nos domínios psíquicos, ainda mesmo quando ligados a envoltórios inferiores. Infelizmente, porém, a maioria se vale, inconscientemente, do repouso noturno para **sair à caça de emoções frívolas ou menos dignas.** Relaxam-se as defesas próprias e certos impulsos, longamente sopitados durante a vigília, extravasam em todas as direções, **por falta de educação espiritual**, verdadeiramente sentida e vivida”.

 Ouçamos agora Aulus, em “Nos Domínios da Mediunidade”:

“**Raros Espíritos encarnados** conseguem absoluto **domínio de si próprios**, em romagens de serviço edificante fora do carro de matéria densa. Habituados à orientação pelo corpo físico, ante qualquer surpresa menos agradável, na esfera de fenômenos inabituais, procuram instintivamente o retorno ao vaso carnal, à maneira do molusco que se refugia na própria concha, diante de qualquer impressão em desacordo com os seus movimentos rotineiros”.

Aliás, seria bom reler todo o capítulo 11 – “Desdobramento em serviço”, dessa obra, tanto quanto o capítulo 21 – “Desdobramento”, de Mecanismos da Mediunidade”, que estuda o sono, o sonho e o desdobramento espiritual.

 Vejamos, por exemplo, esta observação, nos parágrafos finais do capítulo:

“É imperioso notar, porém, que considerável número de pessoas, principalmente **as que se adestraram para esse fim**, efetuam incursões nos planos do Espírito, transformando-se, muitas vezes, em **preciosos instrumentos** dos Benfeitores da Espiritualidade, **como oficiais de ligação** entre a esfera física e a esfera extrafísica”.

 Não faltam, pois, advertências muito pormenorizadas sobre a responsabilidade do trabalho que se realiza nas chamadas horas “mortas” da noite. Do ponto de vista do espírito, não resta dúvida de que são mais vivas, essas horas, do que as de vigília.

 Insistimos, pois, em enfatizar que o assunto merece cuidadoso estudo, profundas meditações e cautelosa aplicação prática, pois as responsabilidades envolvidas são enormes. Por outro lado não nos deve atemorizar o vulto de tias responsabilidades. André Luiz assegura-nos que podemos ser adestrados para essa atividade, com real proveito para o nosso trabalho e, logicamente, para o nosso desenvolvimento espiritual. Cautela, sim, temor, não. O temor paralisa, imobiliza os esforços, na ansiosa expectativa. É preciso vencer a inibição inicial e caminhar. A prece será sempre boa conselheira, a par de recomendações óbvias, que ressaltam dos textos que examinamos aqui, e de outros que o leitor descobrirá: vigilância com os próprios hábitos diários, cuidado com a alimentação, atenção com a saúde do corpo físico, desejo de aprender, para servir melhor.

Antes de encerrar estas notas, uma observação ainda parece oportuna e necessária. Com frequência, nossos médiuns contam-nos episódios em que participaram de trabalhos no plano espiritual, nos quais funcionaram como médiuns, também lá, desdobrados.

Isso é perfeitamente possível e tem o decidido suporte da experiência. Em casos de meu conhecimento, nossos médiuns compareceram a reuniões de instrução e funcionaram mediunicamente, transmitindo mensagens de outros planos, sempre que para isto se prepararam devidamente.

É possível, porém, um desdobramento, depois de já desdobrado do corpo físico, ou separado dele definitivamente, pela desencarnação? Não temos o direito de pôr sub suspeita o testemunho de alguns companheiros de confiança, como, por exemplo, André Luiz, em “Nosso Lar”, capítulo 36 – “O Sonho”, ao encontrar-se em plano muito elevado, em companhia do luminoso Espírito de sua mãe:

“O sonho não era propriamente qual se verifica na Terra. Eu sabia, perfeitamente, que **deixara o veículo inferior** no apartamento das Câmaras de Retificação, em “Nosso Lar”, e tinha absoluta consciência daquela movimentação em plano diverso. Minhas noções de espaço e tempo eram exatas. A riqueza de emoções, por sua vez, afirmava-se cada vez mais intensa”.

Disso tudo podemos sumarizar uma observação final: a maior parte do trabalho mediúnico, não é a que se realiza em torno da mesa, no dia da sessão, é a que se desdobra para além dos nossos grosseiros sentidos físicos, enquanto nosso corpo repousa. Aqui e ali, em modestas posições de meros aprendizes, participamos de tais atividades. Tenhamos cuidado para não comprometê-los com o nosso despreparo e a nossa incúria. Aproximemo-nos com respeito da hora em que nos preparamos para adormecer, cansados das lutas do dia. Os companheiros que nos estão esperando podem ser aqueles que nos arrastam para os porões escuros do desvario, ou os que nos guiam os passos incertos nas trilhas do bem. Depende de nós a decisão: vamos pela escura e tortuosa viela que desce, ou preferimos a estrada que sobe, reta e iluminada?